

DOMINGO III DO ADVENTO

CIC 30, 163, 301, 736, 1829, 1832, 2015, 2362: a alegria

30 «Exulte o coração dos que procuram o Senhor» (*Sl* 105, 3). Se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus é que nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a vida e a felicidade. Mas esta busca exige do homem todo o esforço da sua inteligência, a rectidão da sua vontade, «um coração recto», e também o testemunho de outros que o ensinam a procurar Deus.

És grande, Senhor, e altamente louvável; grande é o teu poder e a tua sabedoria é sem medida. E o homem, pequena parcela da tua criação, pretende louvar-Te – precisamente ele que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho do seu pecado, o testemunho de que Tu resistes aos soberbos. Apesar de tudo, o homem, pequena parcela da tua criação, quer louvar-Te. Tu próprio a isso o incitas, fazendo com que ele encontre as suas delícias no teu louvor, porque nos fizeste para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti¹.

163 A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (*1 Cor* 13, 12), «tal como Ele é» (*1 Jo* 3, 2). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna:

«Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia»².

301 Depois da criação, Deus não abandona a criatura a si mesma. Não só lhe dá o ser e o existir, mas a cada instante a mantém no ser, lhe dá o agir e a conduz ao seu termo. Reconhecer esta dependência total do Criador é fonte de sabedoria e de liberdade, de alegria e de confiança:

«Vós amais tudo quanto existe e não tendes aversão a coisa alguma que fizestes; se tivésseis detestado alguma criatura, não a teríeis formado. Como poderia manter-se qualquer coisa, se Vós não quisésseis? Como é que ela poderia durar, se não a tivésseis chamado à existência? Poupais tudo, porque tudo é vosso, ó Senhor, que amais a vida» (*Sb* 11, 24-26).

736 É graças a esta força do Espírito que os filhos de Deus podem dar fruto. Aquele que nos enxertou na verdadeira Vide far-nos-á dar «os frutos do Espírito: caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio» (*Gl* 5, 22-23). «O Espírito é a nossa vida»: quanto mais renunciarmos a nós próprios³, mais «caminharemos segundo o Espírito»⁴:

¹ Santo Agostinho, Confissões, I, 1, 1: CCL 27, 1 (PL 32, 659-661)

² São Basílio Magno, Liber de Spiritu Sancto, 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132); cf. São Tomás de Aquino, Summa Theologiae II-II, q. 4, a. 1, c: Ed. Leon. 8, 44.

³ Cf. Mt 16, 24-26.

⁴ Cf. Gl 5, 25.

«Pela comunhão com Ele, o Espírito Santo torna-nos espirituais, recoloca-nos no paraíso, reconduz-nos ao Reino dos céus e à adoção filial, dá-nos a confiança de chamar Pai a Deus e de participar na graça de Cristo, de ser chamados filhos da luz e de tomar parte na glória eterna»⁵.

1829 Os *frutos* da caridade são: a alegria, a paz e a misericórdia; exige a prática do bem e a correção fraterna; é benevolente; suscita a reciprocidade, é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão:

«A consumação de todas as nossas obras é o amor. É nele que está o fim: é para a conquista dele que corremos; corremos para lá chegar e, uma vez chegados, é nele que descansamos»⁶.

1832 Os *frutos* do Espírito são perfeições que o Espírito Santo forma em nós, como primícias da glória eterna. A tradição da Igreja enumera doze: «caridade, alegria, paz, paciência, bondade, longanimidade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência, castidade» (*Gl* 5, 22-23 segundo a Vulgata).

2015 O caminho desta perfeição passa pela cruz. Não há santidade sem renúncia e combate espiritual⁷. O progresso espiritual implica a ascese e a mortificação, que conduzem gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças:

«Aquele que sobe, nunca mais pára de ir de princípio em princípio, por princípios que não têm fim. Aquele que sobe nunca mais deixa de desejar aquilo que já conhece»⁸.

2362 «Os actos pelos quais os esposos se unem íntima e castamente são honestos e dignos; realizados de modo autenticamente humano, exprimem e alimentam a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro com alegria e gratidão»⁹. A sexualidade é fonte de alegria e de prazer:

«Foi o próprio Criador Quem [...] estabeleceu que, nesta função [da geração], os esposos experimentassem prazer e satisfação do corpo e do espírito. Portanto, os esposos não fazem nada de mal ao procurar este prazer e gozar dele. Aceitam o que o Criador lhes destinou. No entanto, devem saber manter-se dentro dos limites duma justa moderação»¹⁰.

CIC 523-524, 535: João prepara o caminho para o Messias

523 *São João Baptista* é o precursor imediato do Senhor¹¹, enviado para Lhe preparar o caminho¹². «Profeta do Altíssimo» (*Lc* 1, 76), supera todos os profetas¹³, é o último deles¹⁴, inaugura o Evangelho¹⁵; saúda a vinda de Cristo desde o seio da sua Mãe¹⁶ e põe a sua alegria em ser «o amigo do esposo» (*Jo* 3, 29) que

⁵ São Basílio Magno, Liber de Spiritu Sancto 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132).

⁶ Santo Agostinho, In epistulam Iohannis ad Parthos tractatus 10, 4: PL 35, 2056-2057.

⁷ Cf. 2 Tm 4.

⁸ São Gregório de Nissa, In Canticum homilia 8: Gregorii Nysseni opera, ed. W. Jaeger – H. Langerbeck, v. 6 (Leiden 1960) p. 247 (PG 44, 941).

⁹ II Concílio do Vaticano, Const. past. Gaudium et spes, 49: AAS 58 (1966) 1070.

¹⁰ Pio XII, Alocução aos participantes no Congresso da União Católica Italiana de Obstetras (29 de Outubro de 1951): AAS 43 (1951) 851.

¹¹ Cf. *Act* 13, 24.

¹² Cf. *Mt* 3, 3.

¹³ Cf. *Lc* 7, 26.

¹⁴ Cf. *Mt* 11, 13.

¹⁵ Cf. *Act* 1, 22; *Lc* 16, 16.

¹⁶ Cf. *Lc* 1, 41.

ele designa como «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1, 29). Precedendo Jesus «com o espírito e o poder de Elias» (Lc 1, 17), dá testemunho d'Ele pela sua pregação, pelo seu baptismo de conversão e, finalmente, pelo seu martírio¹⁷.

- 524** Ao celebrar em cada ano a *Liturgia do Advento*, a Igreja actualiza esta expectativa do Messias. Comungando na longa preparação da primeira vinda do Salvador, os fiéis renovam o ardente desejo da sua segunda vinda¹⁸. Pela celebração do nascimento e martírio do Precursor, a Igreja une-se ao seu desejo: «Ele deve crescer e eu diminuir» (Jo 3, 30).
- 535** O início¹⁹ da vida pública de Jesus é o seu baptismo por João, no rio Jordão²⁰. João pregava «um baptismo de penitência, em ordem à remissão dos pecados» (Lc 3, 3). Uma multidão de pecadores, publicanos e soldados²¹, fariseus e saduceus²² e prostitutas²³ vinha ter com ele, para que os baptizasse. «Então aparece Jesus». O Baptista hesita, Jesus insiste; e recebe o baptismo. Então o Espírito Santo, sob a forma de pomba, desce sobre Jesus e uma voz do céu proclama: «Este é o meu Filho muito amado» (Mt 3, 13-17). Tal foi a manifestação («epifania») de Jesus como Messias de Israel e Filho de Deus.

CIC 430-435: Jesus, o Salvador

- 430** Em hebraico, *Jesus* quer dizer «Deus salva». Aquando da Anunciação, o anjo Gabriel dá-lhe como nome próprio o nome de Jesus, o qual exprime, ao mesmo tempo, a sua identidade e a sua missão²⁴. Uma vez que «só Deus pode perdoar os pecados» (Mc 2, 7), será Ele quem, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, «salvará o seu povo dos seus pecados» (Mt 1, 21). Em Jesus, Deus recapitula, assim, toda a sua história de salvação em favor dos homens.
- 431** Nesta história da salvação, Deus não Se contenta com libertar Israel «da casa da escravidão» (Dt 5, 6), fazendo-o sair do Egipto. Salvou-o também do seus pecados. Porque o pecado é sempre uma ofensa feita a Deus²⁵, só Ele é que pode absolvê-lo²⁶. É por isso que Israel, tomando cada vez mais consciência da universalidade do pecado, só poderá procurar a salvação na invocação do nome do Deus Redentor²⁷.
- 432** O nome de Jesus significa que o próprio nome de Deus está presente na pessoa de seu Filho²⁸ feito homem para a redenção universal e definitiva dos pecados.

¹⁷ Cf. Mc 6, 17-29.

¹⁸ Cf. Ap 2, 6-7.

¹⁹ Cf. Lc 3, 23.

²⁰ Cf. Act 1, 22.

²¹ Cf. Lc 3, 10-14.

²² Cf. Mt 3, 7.

²³ Cf. Mt 21, 32.

²⁴ Cf. Lc 1, 31.

²⁵ Cf. Sl 51, 6.

²⁶ Cf. Sl 51, 11.

²⁷ Cf. Sl 79, 9.

²⁸ Cf. Act 5, 41; 3 Jo 7.

Ele é o único nome divino que traz a salvação²⁹ e pode desde agora ser invocado por todos, pois a todos os homens Se uniu pela Encarnação³⁰, de tal modo que «não existe debaixo do céu outro nome, dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos» (Act 4, 12)³¹.

- 433** O nome de Deus salvador era invocado apenas uma vez por ano, pelo sumo sacerdote, para expiação dos pecados de Israel, depois de ter aspergido o propiciatório do «santo dos santos» com o sangue do sacrifício³². O propiciatório era o lugar da presença de Deus³³. Quando São Paulo diz de Jesus que Deus O «ofereceu para, n'Ele, pelo seu sangue, se realizar a expiação» (Rm 3, 25), quer dizer que, na sua humanidade, «era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo» (2 Cor 5, 19).
- 434** A ressurreição de Jesus glorifica o nome de Deus salvador³⁴ porque, a partir daí, é o nome de Jesus que manifesta em plenitude o poder supremo do nome que está acima de todos os nomes» (Fl 2, 9-10). Os espíritos maus temem o seu nome³⁵ e é em seu nome que os discípulos de Jesus fazem milagres³⁶, porque tudo o que pedem ao Pai, em seu nome, Ele lho concede³⁷.
- 435** O nome de Jesus está no centro da oração cristã. Todas as orações litúrgicas se concluem com a fórmula «*per Dominum nostrum Jesum Christum* – por nosso Senhor Jesus Cristo». A Ave-Maria culmina nas palavras «e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus». A oração-do-coração dos Orientais, chamada «oração a Jesus», diz: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador». E muitos cristãos morrem, como Santa Joana d'Arc, tendo nos lábios apenas uma palavra: «Jesus»³⁸.

²⁹ Cf. Jo 3, 18; Act 2, 21.

³⁰ Cf. Rm 10, 6-13.

³¹ Cf. Act 9, 14; Tg 2, 7.

³² Cf. Lv 16, 15-16; Sir 50, 22; Heb 9, 7.

³³ Cf. Ex 25, 22; Lv 16, 2; Nm 7, 89; Heb 9, 5.

³⁴ Cf. Jo 12, 28.

³⁵ Cf. Act 16, 16-18; 19, 13-16.

³⁶ Cf. Mc 16, 17.

³⁷ Cf. Jo 15, 16.

³⁸ Cf. *La réhabilitation de Jeanne la Pucelle. L'enquête ordonné par Charles VII en 1450 et le codicille de Guillaume Bouillé*, ed. P. DONCOEUR – Y. LANHERS (Paris 1956), p. 39.45.56.